

RESENHA DE A FONTE DA AUTOESTIMA: ENSAIOS, DISCURSOS E REFLEXÕES, DE TONI MORRISON

REVIEW OF *THE SOURCE OF SELF-REGARD: SELECTED ESSAYS, SPEECHES AND MEDITATIONS*, BY TONI MORRISON

Prila Leliza Calado (UFPR)

prila@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0003-4620-9021>

Nascida em 18 de fevereiro de 1931, em Lorain, Ohio, Toni Morrison foi uma editora de livros, professora universitária e escritora fortemente engajada em causas raciais e de gênero. Sua quinta e mais famosa obra, *Beloved*, recebeu o Prêmio Pulitzer em 1988. Em 1993, a autora foi anunciada como a vencedora do Prêmio Nobel de Literatura, tornando-se a primeira escritora afrodescendente a ser agraciada com tal honraria. Além dos onze romances que escreveu, produziu sete livros infantis e inúmeras obras ensaísticas. Em 2006, Morrison encerrou sua carreira docente e recebeu o título de Professora Emérita em Humanidades da Princeton University; faleceu aos oitenta e oito anos, em 5 de agosto de 2019, devido a complicações decorrentes de uma pneumonia, na cidade de Nova Iorque.

Publicado em 2019, nos Estados Unidos, *A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões* foi lançado no Brasil em 2020, traduzido por Odorico Leal e publicado pela editora Companhia das Letras. A edição não possui capa dura, e a impressão do miolo foi feita em papel pólen *soft*. O conceito da capa foi idealizado por Alceu Chiesorin Nunes, trazendo uma cinta auxiliar removível com o título da obra, o nome de Toni Morrison e o selo da Coleção Prêmio Nobel, com o objetivo de preservar a ilustração da artista plástica americana Kara Walker. O texto da orelha da capa traz um apanhado das ideias contidas nos escritos da coletânea e dois comentários, o primeiro da National Public Radio (organização de comunicação social americana, sem fins lucrativos) e o segundo da *O, The Oprah Magazine* (revista mensal americana fundada por Oprah Winfrey e Hearst Communications, dirigida principalmente ao público feminino). A orelha da contracapa apresenta um comentário da

revista americana de crítica literária *Kirkus Reviews*, uma fotografia em preto e branco de Toni Morrison e dados de sua biografia. A contracapa exhibe uma nova resenha do conteúdo da coletânea e a informação de que ela se divide em três seções, além de uma avaliação feita pelo jornal *The New York Times*. O livro é composto por 44 textos escritos ou proferidos por Toni Morrison em diversas oportunidades, preponderantemente entre os anos 1990 e 2000. A coletânea está dividida em três partes: “O lar do estrangeiro”, com 20 escritos; “Black matter(s)”, composta por 7 investigações (o subtítulo em inglês foi mantido na tradução) e “A linguagem de Deus”, que traz 16 textos. Há ainda um discurso, intitulado *Riscos*, que faz a abertura da obra e que foi proferido em 2008 durante a cerimônia de premiação do PEN/Borders Literary Service; nele a autora trata da importância dos escritores e da liberdade de imprensa. O texto escolhido para o descerramento não poderia representar melhor o teor da obra toda: a crença de Morrison no poder da literatura e em sua capacidade de influenciar a linguagem, de moldar mentalidades, com o objetivo de dar voz e espaço àqueles que frequentemente se veem calados e esquecidos. Destinados a públicos específicos – como, por exemplo, estudantes recém-formados, comitês da Anistia Internacional, associações de jornalistas, visitantes do Louvre ou do Museu do Holocausto Negro da América em Milwaukee, entre outros – os escritos cobrem diversos temas: o Onze de Setembro, a globalização, imigração e diásporas, a situação político-social dos Estados Unidos, os propósitos da linguagem e da literatura, o papel do crítico e do escritor, o poder das palavras, as várias formas de guerra e a escravidão no mundo, a demonização do outro.

Em alguns textos, como “Nosso lar” (2009), “Papo de guerra” (2002) e “O preço da riqueza, o custo da assistência” (2013), Morrison traz à tona suas lembranças da época de estudante na cidade vizinha de Lorain e afirma: “[...] tão importante quanto a memória, o lugar e as pessoas do nosso lar são a própria ideia de lar. Afinal, o que queremos dizer quando dizemos ‘nosso lar’?” (MORRISON, 2020, p. 32). A autora, então, parte para uma reflexão acerca das diásporas que, à exceção da época em que o povo africano foi arrastado para o continente americano, nunca tiveram números tão expressivos como atualmente. Para Morrison (2020, p. 32), “o destino do século XXI será moldado pela possibilidade ou pelo colapso da ideia de um mundo compartilhável”. A autora desdobra, do insucesso desse compartilhamento, a xenofobia, que isola os que migram ou imigram, marginalizando-os quase que para sempre. Ela lembra do furacão Katrina, que, em 2005, arrasou principalmente a cidade de New Orleans, uma região de população predominantemente negra e menos privilegiada. Dessa forma, Morrison relembra que não houve somente falhas do governo de George W. Bush na condução

da evacuação e do resgate de cidadãos, mas lembra também das ingerências anteriores no que se referia à destinação de recursos para a infraestrutura habitacional e sanitária da região como um todo – situação que ficou escancarada aos olhos do mundo inteiro e que escancarou também um dos reflexos modernos legados pela escravidão no país. Dessa contemplação, a autora afirma que “[...] a realocação de pessoas inflamou e perturbou a ideia de lar e expandiu o foco do que é identidade, ultrapassando as definições de cidadania e demandando explicitações da condição de estrangeiro” (MORRISON, 2020, p. 34). Assim, a reflexão acerca de “Quem é o estrangeiro?” (MORRISON, 2020, p. 34) liga-se também à limpeza étnica e às lógicas segregadoras de governos e governantes que acham que muros e barreiras sejam as soluções para afastar o outro, não sem antes demonizá-lo.

Em outros ensaios, como “Defesa das artes” (sem informação de data), “O hábito da arte” (2010), “O artista singular” (1981) e “Harlem on my mind: contestando a memória – reflexões sobre museus, cultura e integração” (2006), percebemos de que forma a autora se posiciona como artista, editora, curadora e professora para sair em defesa das artes e lembrar que alguns dos maiores artistas que já existiram, muitas vezes, precisavam lidar com deficiências físicas, dificuldades financeiras ou censuras para conseguirem produzir sua arte – situação que continua acontecendo até hoje. Ao questionar o amparo (ou a falta de amparo) dos governos e das leis, ela afirma: “O que todos nós sabemos, você e eu, é que a situação é mais do que terrível – é perigosa” (MORRISON, 2020, p. 93).

A palestra “Mulheres, raça e memória”, apresentada na Queens College em 1989, inicia-se com o caso de Harriet Tubman, uma afrodescendente nascida em 1822 que foi escravizada em Maryland e conquistou a própria liberdade após caminhar mais de 145 quilômetros até a Philadelphia. Tubman ajudou centenas de outros escravizados a escaparem e, depois que a Guerra da Secessão começou, se ofereceu para ser espiã do Exército da União na Carolina do Sul, onde ajudou a liderar uma missão militar no rio Combahee.¹ Em 1868, Harriet Tubman recorreu ao Senado americano, pleiteando salários retroativos por ter trabalhado como enfermeira, cozinheira e por ter liderado muitos homens na batalha, pedido que só foi concedido 30 anos mais tarde. Sobre essa história, Morrison afirma: “No coração daquele pleito pela devida paga de veterana do século XIX reluz a questão premente do feminismo do século XX:

¹ Por conta de todas essas realizações, Harriet Tubman se transformou em heroína nos Estados Unidos. Em janeiro de 2021, o governo do presidente Joe Biden passou a acelerar o processo para inserir a imagem de Tubman na cédula de vinte dólares, medida que foi anunciada ainda durante o governo de Barack Obama, em 2016. Na época, a expectativa era de que o novo design fosse finalizado até 2020, mas o secretário do Tesouro de Donald Trump atrasou a mudança.

como uma mulher pode ser vista e respeitada como ser humano sem se tornar uma cidadã à imagem do homem ou dominada pelo homem?” (MORRISON, 2020, p. 119). Como a pergunta, infelizmente, ainda fica muitas vezes sem resposta, a autora aponta que a cumplicidade das próprias mulheres faz com que opressões masculinas continuem pautando muitas questões mundo afora. Ela traça um panorama dos movimentos feministas ao longo dos anos e explicita como as diferentes vertentes advogam pela causa, considerando, obviamente, argumentos sobre o casamento, a maternidade, o sexo e o corpo da mulher, o voto e a representação feminina em cargos políticos. Sem se esquecer ainda do abismo que há entre as próprias mulheres, Morrison é taxativa e declara que a desigualdade de classes: “Joga as mulheres umas contra as outras segundo diferenças de opinião inventadas por homens – diferenças que determinam quem deve trabalhar, quem deve ser bem-educado, quem controla o ventre ou a vagina, quem vai para a cadeia e quem vive onde” (MORRISON, 2020, p. 130). Assim como nessa fala para a Queens College, em “As meias-irmãs de Cinderella” – discurso de formatura para a Barnard College em 1979 – a autora também trata da figura da mulher e do feminismo.

Em “Literatura e vida pública”, palestra proferida para a Cornell University em 1998, Toni Morrison expõe suas reflexões acerca “[...] da perda da vida pública, que se exacerba pela degradação da vida privada” (MORRISON, 2020, p. 132), sugerindo que a literatura poderia ser um dos caminhos para amenizar tal situação. A discussão pertinente que ela propôs naquela época faz sentido hoje em dia mais do que nunca, pois nos faz enxergar os efeitos que a mídia acarreta na vida dos indivíduos – se, naquela época, as tecnologias se aprimoravam, a internet se popularizava e a TV ainda era o meio de comunicação em massa mais utilizado, atualmente podemos afirmar que vivenciamos uma verdadeira dominação da tecnologia digital, que, em alguma medida, subjugou a influência das emissoras de TV. Morrison (2020, p. 134) alega que a avalanche de notícias veiculadas pela mídia telejornalística à época exercia “[...] o papel principal na constituição da ‘comunidade imaginada’ da nação e do globo” e que essa mesma mídia era validada “[...] como um sistema de autoridade, como uma instituição nacional cuja função privilegiada é fornecer a identidade da nação e tomar-lhe o pulso”. Assim, a autora desvenda um dos mecanismos utilizados para fomentar o nacionalismo exacerbado, que necessariamente isola e despreza os sujeitos que não se encaixam nesse grupo imaginário forjado e imposto às pessoas.

O problema do nacionalismo não é o desejo pela autodeterminação... mas a ilusão epistemológica peculiar de que você só pode se sentir em casa e ser compreendido

entre pessoas como você. E o que há de errado com o nacionalista não é o desejo de se sentir o senhor em sua própria casa, mas a convicção de que apenas pessoas como você merecem adentrar a casa (MORRISON, 2020, p. 137).

É para esse veneno que a autora indica a literatura como antídoto, pois traria “[...] três benefícios essenciais: 1) a capacidade [...] de fortalecer o caráter e a moral; 2) sua adequação a atividades lúdicas elevadas não ideologizadas; e 3) seu papel no ‘cultivo de poderes imaginativos essenciais para a cidadania’” (MORRISON, 2020, p. 136). Morrison (2020, p. 137) advoga que a literatura proporciona experiências multidimensionais aos leitores, pois permite conexões entre as mais diversas áreas de conhecimento; além disso, conforme a autora, “a literatura ficcional pode ser uma linguagem alternativa que contradiga e eluda e analise o regime, a autoridade do eletronicamente visual, a sedução do ‘virtual’” Ela acrescenta ainda que os últimos três livros que havia escrito até então – justamente sua trilogia composta por *Amada* (1987), *Jazz* (1992) e *Paraíso* (1998) – pretendiam fazer com que a relação leitor e obra suscitasse uma discussão ampla sobre o tema e a necessidade de acolher o outro e diminuir as diferenças.

Em 1982, Toni Morrison escreveu o ensaio “Memory, creation and fiction”; a tradução para *A fonte da autoestima* intitula-se “Memória, criação e ficção”. Nele, a romancista expõe seus próprios objetivos e desejos como escritora e a maneira como os leitores respondem à sua escrita. O foco central no trabalho é a defesa da preferência do público receptor por um envolvimento mais ativo e profundo com a leitura, em detrimento de um consumo passivo da literatura. Ela explica como a memória influenciou muitas de suas criações, entre elas *Sula* (1973), *A canção de Solomon* (1977), *O olho mais azul* (1970) e *Pérola Negra* (1981). Para *Sula*, a lembrança de uma mulher que visitava sua casa quando era criança a ajudou a estruturar o roteiro do romance; para *A canção de Solomon*, foram as memórias dos contos infantis João e Maria e Cachinhos Dourados que ela ouvia que a ajudaram a estruturar passagens da narrativa; *O olho mais azul*, por sua vez, foi inspirado na recordação de uma colega de classe da escola que todos os dias rogava ardentemente a Deus para “ganhar” olhos azuis; finalmente, *Pérola Negra* contou com lembranças da autora de quando ouvia a fábula do folclore afrodescendente da boneca de piche utilizada em uma armadilha para pegar coelhos. Vários trechos de “Memória, criação e ficção” estão presentes no texto “A escritora diante da página” – um discurso proferido em uma conferência para a Universidade de Manhattanville, em Purchase, no estado de Nova Iorque.

Em 1987, Toni Morrison foi convidada para participar de uma série de palestras sobre autobiografia e memória e sua fala foi transcrita sob o título “The site of memory”. A tradução para *A fonte da autoestima* intitula-se “O sítio da memória”. Nesse texto, Morrison discorre muito sobre as *slave narratives*, suas caracterizações, a importância do gênero não só para a literatura afro-americana, mas para a literatura americana como um todo, além do papel que as narrativas tiveram no contexto da luta pela abolição. A autora deixa claro que a relação que estabelece com seus leitores não é fechada nem muito menos de autoridade; nesse sentido, Morrison (2020, p. 424) afirma que sua obra não deve “tentar resolver problemas sociais, mas deve certamente procurar clarificá-los”. Morrison retoma as lembranças que a inspiraram a escrever *Sula* e *A canção de Solomon* (conforme mencionado anteriormente) e passa a comentar quais memórias impulsionaram-na a construir *Amada*, obra que estava sendo concluída na mesma época em que a palestra foi proferida. Ela não deixa de mencionar também a importância que os anos de trabalho como editora tiveram para sua carreira de escritora e finaliza: “Escritores são assim: relembramos onde estivemos, que vale cruzamos, como eram os bancos de areia, a luz que lá havia e o percurso de volta ao nosso lugar original. É uma memória emocional [...]” (MORRISON, 2020, p. 314).

Em 7 de outubro de 1988, na Universidade de Michigan, Toni Morrison apresentou uma série de palestras, publicada no ano seguinte sob o título *Unspeakable things unspoken: the Afro-American presence in American Literature*. A tradução para *A fonte da autoestima* intitula-se “Coisas indizíveis não ditas: a presença afro-americana na literatura americana”. É uma análise ampla – embora muito específica – de onde a literatura afro-americana se encaixa no cânone oficial da ficção americana, se há algo fundamentalmente reconhecível como “literatura negra” e se esse cânone abrange a literatura étnica ou separa tal literatura a fim de mantê-la isolada da formação da sociedade branca. Podemos observar, por meio desses textos, a progressão dos estudos e pesquisas de Toni Morrison, visto que tais temas já haviam sido discutidos em “Rootedness: the ancestor as foundation” e seriam retomados, dois anos mais tarde, em *Playing in the Dark: whiteness and the literary imagination*. Em certo momento, a autora declara: “Delinear cânones implica delinear impérios. E defender o cânone é defender a nação” (MORRISON, 2020, p. 224). Sua intervenção nos debates sobre o cânone e sua leitura revisionista da literatura canônica norte-americana funcionam em parte para garantir um lugar para o seu próprio trabalho dentro da tradição literária afro-americana. A equação que a autora faz entre a construção do cânone e a construção de um império ressalta ainda mais a magnitude do fardo que assumiu como crítica artística de grande visibilidade: a reconstrução da América

na era pós-Direitos Civis, pós-Guerra Fria, um momento em que a “raça” voltou à consciência nacional com uma urgência que está presente nos momentos históricos cobertos por suas obras de ficção. A convicção de Morrison na linguagem literária como um instrumento para a regeneração nacional baseia-se em uma ideologia que fundamenta a cidadania responsável, uma espécie de letramento para a cidadania. O apelo implícito de Morrison é de certa forma irônico, porque lembra uma relação entre letramento, humanidade, liberdade e cidadania e, principalmente, porque o ônus de se tornarem culturalmente letrados recai sobre os leitores norte-americanos brancos, a quem ela desafia a ler sua própria literatura e assumir a responsabilidade por ela, além, obviamente, de ler obras de autoria afrodescendente.

Em 7 de dezembro de 1993, em Estocolmo, Toni Morrison foi laureada com o Prêmio Nobel de Literatura, dois meses depois de a Academia Sueca ter divulgado o resultado. Em seu discurso, a autora fala sobre a vitalidade e o desaparecimento dos idiomas, além da importância das línguas para a construção das identidades, sem deixar de mencionar as estratégias dominantes que se escondem por trás de inúmeros atos de linguagem. É importante destacar que o termo “*language*” em inglês possui uma grande amplitude de sentido e, na tradução que ora examinamos, ela vem traduzida por “língua”, “linguagem” e “idioma”. Morrison realiza uma reflexão filosófica e social sobre a função das línguas, sobre os aspectos assumidos pela linguagem, com ênfase em suas feições autoritárias. Morrison (2020, p. 141-142) considera a língua tanto como sistema, mas também “como uma coisa viva” e, principalmente, como “agência – como um ato com consequências”. Por isso, para ela, é necessário reconhecer a esplêndida capacidade das línguas de alcançar o inefável, de fazer ver sem imagens, assim como a potência narcisista, reacionária, geradora de diferenças cruéis.

Após examinarmos alguns dos ensaios e discursos mais importantes produzidos por Toni Morrison, pudemos vislumbrar a versatilidade de seu pensamento crítico e a qualidade de seus estudos, os quais foram aprofundados com o passar dos anos. Com a tradução de *A fonte da autoestima*, um leitorado mais amplo passa a ter a chance de conhecer as posições da autora como intelectual militante da causa negra e feminista, suas reflexões sobre o trauma histórico da escravidão nos Estados Unidos e sobre as duradouras consequências desse trauma na sociedade norte-americana. Acreditamos que a recepção de Morrison no Brasil ingressa, assim, em uma nova fase; e não apenas porque entram em circulação novos textos da escritora, mas também (talvez sobretudo) porque, à luz de sua obra crítica e ensaística, sua produção ficcional pode vir a se ressignificar para o leitor brasileiro, passar a ser lida com renovada potência de engajamento político e, acima de tudo, de memória cultural. É necessário ressaltar que o verso

da folha de rosto traz erroneamente a referência da capa como sendo um detalhe de *Slavery! Slavery!* – outra obra de Kara Walker, de 1997, que utiliza a técnica de recorte de papel e colagem sobre a parede, procedimento diferente do utilizado em *The gross clinician presents: Pater Gravidam*, da qual um recorte foi utilizado para ilustrar *A fonte da autoestima*.

REFERÊNCIAS

MORRISON, Toni. *A fonte da autoestima: ensaios, discursos e reflexões*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Tradução de: LEAL, Odorico. Título original: *The source of self-regard: selected essays, speeches and meditations*. 451 p.

Resenha submetida em: 18 jun. 2022

Aceita para publicação em: 28 set. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.125317>